

Introdução

Caroline Kraus Luvizotto

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

LUVIZOTTO, CK. *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

INTRODUÇÃO

Este livro tem como tema a tradição e a modernidade. Seu traço mais marcante é a tradição gaúcha e sua manifestação nos Centros de Tradições Gaúchas (CTG): as tradições são (re)inventadas e racionalizadas nesse espaço, que é, por excelência, o espaço para a manifestação das tradições gaúchas. Esse cenário tem como pano de fundo a modernidade tardia, que traz à tona um contexto de reflexividade e de racionalização das relações, experiências e tradições. Tradições essas que são (re)inventadas e, nesse caso, (re)inventadas tendo o CTG como cenário para manter os vínculos e a sociabilidade de um grupo sociocultural que se reconhece enquanto grupo e se diferencia dos demais por identificar-se em torno de símbolos, práticas, crenças e rituais que unem seus membros, pois é comum a todos eles, independente do espaço geográfico que ocupem: onde há um CTG sempre haverá um espaço destinado ao culto das tradições gaúchas.

As tradições são (re)inventadas na medida em que estão intimamente ligadas ao dinamismo cultural da sociedade moderna. Mesmo (re)inventada, a tradição atua como ingrediente necessário no discurso dos guardiães da tradição. Esse discurso, entre outras coisas, serve para manter a vinculação identitária do grupo e o sentido de coletividade das ações sociais produzidas pelos sujeitos ativos nesse grupo.

Na modernidade tardia, as tradições são (re)inventadas porque são racionalizadas. São (re)inventadas para criar um cenário no qual se racionalizam os elementos, os símbolos, as práticas, com o objetivo de prover ideologicamente os indivíduos de uma segurança ontológica, (re)criando suas identidades, permitindo que o *eu* contido e reprimido nas sociedades pré-modernas se manifeste, possibilitando ao indivíduo pensar a si próprio.

O CTG é o espaço criado para acolher as manifestações da tradição gaúcha e é nele que faz sentido todo o culto, toda a prática, toda a atividade que envolve os símbolos e rituais dessa tradição. A associação em torno dele é livre, basta que haja a identificação com os símbolos e rituais apresentados nesse espaço e não é cobrado de nenhum membro do CTG que pratique esses rituais fora dali, pois o CTG não tem caráter normativo nem pretende regulamentar a vida dos seus membros. Esse espaço é necessário para manter a sociabilidade e o vínculo daqueles que se identificam como gaúchos. Num contexto de modernidade tardia, é o CTG que recria referenciais tradicionais ampliando-os num cenário no qual as tradições são trazidas sob o aspecto *lúdico*, não para servir de mecanismo de coordenação das práticas sociais, mas sim para servir de pano de fundo para a sociabilidade, relações sociais coletivas e duradouras estabelecidas a partir da identidade cultural dos gaúchos.

Parte-se do pressuposto de que na modernidade tardia o caráter de ludicidade atribuído às tradições (re)inventadas no CTG é o fio condutor para inúmeras relações que se estabelecem nesse cenário e é o combustível de todas as práticas e rituais vivenciados ali. A ludicidade das atividades dá sentido às práticas tradicionalistas e a toda tradição que foi (re)inventada e que passa a ser racionalizada no contexto de modernidade reflexiva. Essa apropriação do caráter *lúdico* das tradições e as relações estabelecidas no CTG a partir dos símbolos, práticas e rituais sinalizam que estamos vivenciando no Brasil uma situação de modernidade tardia.

Este livro apresenta análises sobre as tradições no contexto da modernidade, bem como sobre o caráter de racionalização e reflexi-

vidade das tradições (re)inventadas. As análises são feitas da perspectiva da sociologia compreensiva e o livro está dividido em cinco capítulos. Ressalta-se que existem muitos olhares sobre a complexidade da relação existente entre tradição e modernidade tardia, mas elegeram-se as abordagens a seguir como necessárias para a análise que se propõe neste estudo.

O primeiro capítulo tem como objetivo expor a origem, estrutura e funcionamento do CTG. Para tanto, apresentam-se, de modo descritivo, aspectos relacionados ao Rio Grande do Sul: a ocupação da região, as atividades econômicas e o povo gaúcho. Acredita-se que essa visão geral dos aspectos que antecedem o surgimento do CTG seja importante para discorrer sobre o tradicionalismo e, por fim, tratar do Movimento Tradicionalista e do próprio CTG, nas suas mais diversas características.

São apontadas no texto as diversas configurações histórico-culturais que constituíram o Rio Grande do Sul desde sua colonização. Não é objeto desta obra discutir os conflitos étnicos e culturais inerentes do processo de interação desses povos. Na compreensão do tradicionalismo gaúcho não são descartados esses conflitos e entende-se que são partes constitutivas do processo de criação da identidade gaúcha, mas o estudo limita-se apenas a descrever esses grupos.

Ao falar do Movimento Tradicionalista, o objetivo é compreender aspectos relativos à sociabilidade do gaúcho e elementos que fortalecem a relação que o movimento tem com suas tradições, mas não serão focalizados os aspectos políticos e econômicos do movimento, por acreditar-se que não é objeto de análise deste livro.

O CTG é descrito nesta obra desde sua origem, suas características, e sua distribuição pelo Brasil e pelo mundo. No que se refere a sua estrutura e funcionamento, são utilizados documentos do próprio centro. Esses documentos não são analisados. Apenas ilustram qual é a estrutura, funcionamento e finalidade do CTG segundo os próprios tradicionalistas. Reconhece-se que esses documentos não expressam a verdadeira relação que os tradiciona-

listas têm com a sociedade sul-rio-grandense e brasileira, de modo geral. Mas não é objeto deste livro analisar essas relações nem analisar o discurso tradicionalista.

A análise sobre modernidade e modernidade tardia ou reflexiva apresenta-se no segundo capítulo. Trata-se de uma análise essencial, uma vez que a modernidade tardia é o pano de fundo para a reflexão em torno da tradição. Em particular adota-se as visões de Beck e Giddens sobre o tema por entender que são as visões mais representativas, de acordo com os instrumentos e referenciais teóricos deste estudo.

O terceiro capítulo trata das tradições no contexto da modernidade tardia. Partindo das reflexões de Hobsbawm, Sahlins, Elias e Giddens, procuram-se situar as tradições (re)inventadas no cenário da modernidade tardia e como se configura a relação *nós/eles* tendo como pano de fundo a tradição. Para melhor compreender essa relação, apresentam-se reflexões sobre etnicidade e identidade étnica baseadas nos estudos de Poutignart, Streiff-Fenart, Barth e Oliven.

O quarto capítulo descreve o aspecto *lúdico* das tradições. Partindo das contribuições de Huizinga, esse capítulo discorre sobre o Encontro de Arte e Tradição (Enart) que ocorre anualmente no Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo baseado na observação e em depoimentos colhidos durante o próprio evento, em novembro de 2008. Competições, festividades e confraternização são as marcas dessa atividade que exalta a tradição gaúcha. Esse evento é o pano de fundo para discutir a ludicidade nas tradições gaúchas neste livro.

Por fim, o quinto capítulo diz respeito à transmissão e preservação das tradições. Num cenário de modernidade tardia faz-se necessário compreender quais são os mecanismos que o CTG tem à sua disposição para fortalecer o vínculo identitário de seus membros e transmitir as tradições. Esse capítulo demonstra, portanto, como os CTG utilizam a Internet para divulgar, ensinar, disseminar e preservar conteúdos tradicionalistas. Lévy e Castells, além de O'Reilly, são os principais referenciais dessa seção, que discorre sobre as ferramentas Web 2.0 utilizadas pelos desenvolvedores dos

websites que apresentam conteúdo tradicionalista, com o objetivo de tornar o ambiente informacional digital mais interativo e colaborativo para o usuário, qual seja, o indivíduo que busca e acessa conteúdo tradicionalista na Internet.

Assim como as tradições gaúchas transmitidas via Internet, oferecidas a todos, ao alcance de qualquer um, a ludicidade presente nos CTG e no Enart são elementos essenciais para discutir as tradições na modernidade tardia.